

Nâni, meu pai

Ana Isabela Maraschin

Chamo-o de Nâni, um apelido carinhoso desde que era criancinha. Ele é alguém com que fui, estou sendo e sempre serei muito ligada. Eu o adoro. Digo isso como filha, pois praticamente é o único modo que o conheço.

Sei que todos os alunos e pessoas o admiram muito como teólogo e filósofo. Ele tem a capacidade de atrair a todos - jovens ou velhos. Cresci com ele sempre estudando, lendo e escrevendo. Mesmo nos fins de semana. Sempre foi aplicadíssimo e trabalhou e exerceu suas atividades por prazer.

Se fosse associar algo que o lembrasse, seria a música clássica e o gosto pela cozinha. Ele se esforçou muito para educar minha irmã e eu. Tentou dar-nos sempre do melhor. Ele é um homem da arte e da cultura. Não nos faltou orientação quanto a isso. Levava-nos a concertos de música clássica, dialogava sobre história da música e artes e filosofia, pagava aulas de música e arte e nos levava a viagens e exposições, museus etc. Assim crescemos, com uma visão muito crítica e questionadora da realidade. Resultado de sua maneira super crítica de ver o mundo - crítica, racional e lógica.

Ele é uma pessoa diferente, não se enquadra no padrão da maioria, não liga para esportes, tem uma vida mais cultural. Foi sempre um pai muito presente e prestativo. Fala baixo e tem emoções às vezes contidas. Agora segue cursos de culinária pela TV e se revelou um chef de cozinha excelente. Todos os domingos ele faz o almoço que todos degustamos com tanto prazer.

Como já havia dito seus amigos são quase todos jovens, pois ele tem idéias progressistas, modernas, sempre estão renovando-se. Ele é muito equilibrado emocionalmente. Tem muita paz e calma e sabe lidar com qualquer dificuldade. Ele chega a parecer um ícone, uma imagem que nunca sairá de minha mente.

De sua filha,
Ana Isabela